ANNO I — S. João d'El-Rei, 10 de Janeiro de 1886 — N. 17

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno........ 6$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno....... 6$000

Escriptorio de redacção—Praça das Mercês, n. 7

Summario

O Domingo

10 de Janeiro de 1886.

Actualidades

Aos brazileiros o anno de 1885, a quem Deus guarde, não deixou lá muito vivas saudades...

Foi-se, alquebrado, velho, triste, sem um acontecimento que lhe honrasse os dias, sem um feito que lhe gravasse na Historia o nome com os caracteres indeleveis da chapa, sem um titulo qualquer que o pudesse recommendar aos seus vindouros.

Infeliz 85, infeliz e inutil, madraço, que ahi morreu sem nos deixar siquer, a nós os chronistas, um subsidiosinho para deitar-lhe o necrologio...

As Camaras não promulgaram uma lei importante, séria, dessas que operam uma revolução benefica na sociedade e que concorrem para o engrandecimento de um povo.

A Politica arrastou, como sempre, a sua vida ingloria, de questõesinhas individuaes, de caprichos, de luctas mesquinhas, de vinganças crueis, de ambições vulgares, de esquecimento completo dos deveres patrioticos...

O Progresso deu somente um pequeno *tour de promenade* por estas plagas de S. Cruz, erguendo a custo um melhoramento, uma estradasita de ferro, tudo vagarosamente, e tudo sem uma vantagem notavel: insignificancias, para outro qualquer paiz.

Na pagina — *Industria* — lê-se apenas:—vinhos falsificados, bugigangas, pouco de verdadeiramente proveitoso.

A agricultura apenas mostrou-se alegre por encontrar no Governo da nação uns tantos corações deshumanos, que lhe pouparam o prejuiso de uns pretos velhos que a Generosidade queria libertar e o Egoismo e o Interesse conservaram captivos.

As Lettras (eu devia collocal-as em primeiro lugar, diz alguem, talvez, devia, sim,—mas, eu escrevo para o Brazil...) não apresentaram grande desenvolvimento. Vai a nossa Litteratura (um modo de dizer...) vivendo auxiliada unicamente por uma valente meia duzia de corajosos, que, aliaz, não encontram por ahi além nem sombras de Massenas. Poucos livros appareceram, como sóe acontecer todos os annos. Livros bons, entenda-se, de valor real.

Em versos surgiram muitas obras. Raros apreciaveis, muitos ruins, e uma infinidade de insupportaveis. No romance, só o Aluisio Azevedo trabalha hoje com muito affinco... e poucos lucros. De um modesto escriptor —*L. L.*—lemos um bello romance *Um homem gasto*, que causou impressão bem agradavel. E... de novo, de original, de bom, brazileiro, — nada mais, emfim, creio eu, a não ser uma collecção de contos, de Machado de Assis, publicados em jornaes e reunidos num delicioso volume.

As artes sempre se distinguiram. Na côrte varios pintores nacionaes sahiram-se galhardamente em diversos certamens. Na esculptura, Rodolpho Bernardelli conseguio obter um triumpho, que foi um esplendido successo.

As sciencias... Ora, sciencias! Vamos passar adeante! A sciencia neste imperio não tem adeptos fervorosos, não possue ainda quem nos apresente um trabalho de subido merito, que venha esclarecer um ponto obscuro, explicar uma duvida importante, annunciar uma descoberta. Depois que morreu o laureado e estudioso Cruls, *até* a astronomia ficou abandonada, com grande pezar do sr. d. Pedro 2º, que anda hoje em dia a ver tudo por um oculo sem entender cousa nenhuma...

O jornalismo adeantou-se um tanto, na capital do imperio e em algumas provincias. Só o *Jornal do Commercio* continúa estafante e enorme, sem patriotismo e com a mina dos entrelinhados; sem sympathias inuteis dos espiritos elevados, mas com os amores plutocratas dos ultra-barões da rua da Lampadosa e commendadores adjacentes; vivendo á farta, absorvendo por mil modos e boccas o dinheiro do Thesouro; quasi sempre — oitavo ministro do Estado; encouraçado, temido e forte: um Mastodonte feliz!

Para representar a litteratura na capital do imperio, tomou Valentim Magalhães a heroica resolução de crear *A Semana*.

Ella tem mantido brilhantemente o seu programa e, pelos modos, não morrerá tão cedo, embora tenha tido —como nós tambem— muitos assignantes de *gravata limpa*, que não sabem honrar a assignatura e andam a ler os jornaes dos outros sem cahir com os *cum quibus*.

A vida d'*A Semana* durante um anno, sem nunca desmerecer no conceito publico,—constitue um verdadeiro acontecimento no nosso mundo litterario. Sempre nos legou alguma cousa de bom o 1885; elle que me desculpe os rigores com que o tratei no principio destas linhas.

— Mas, afinal, para um anno inteiro o anno do seculo das luzes, eram de esperar mais algumas vantagens,

mais alguns beneficios:—que não deixasse ao menos nem uma sombra negra, escurecendo o alvorecer da aurora do 1886... E o diabo do velho —já estou de novo furioso com elle— não levou comsigo tantas sombras: —a escravatura, a constituição politica do imperio, as loterias, o atraso da instrucção, a falta de braços... livres... e um milhão de cousas que o progresso, a liberdade, a sciencia, tudo, emfim, aconselha que se expurguem do meio em que se vive.

O 86 veio com chuva, nublado, carrancudo, feio. Esperemos, o que nos trará elle de bom...

—

No dia 4 do corrente foi o anniversario do nosso Casimiro de Abreu.

Os que lhe seguem a *eschola*, não choraram sobre a sua campa uma dolorida elegia ..

Que ingratidão!

E, no entanto, não é pequeno o grupo dos que conservam ainda como licção eterna e unica, os preceitos do saudoso bardo fluminense.

Mas, falemos sinceramente.

A gente, se remontando á epocha em que viveu o cantor das *Primaveras*, e conhecendo-se a triste historia da vida d'aquelle moço contrariado em todas as suas aspirações, desenganado em todas as suas esperanças, sem um coração amigo, que lhe recebesse as queixas e lhe desse consolações, —hade, por força, encontrar nos seus versos a sentida expressão de um soffrer que nos commove, de um desalento que nos desperta n'alma fundas melancholias inexprimiveis...

Si hoje com o progresso da Arte, com as prescripções modernas dos reformadores da poesia actual, não se pode mais admittir como modelo o livro d'esse poeta exclusivamente sentimentalista, —nem por isso se poderá negar que delicadissima era a inspiração que lhe ditava os versos, afinadissima a doirada lyra em que elle desferia os seus cantares de amor e de saudade.

Gonçalves Dias, muitas vezes, trahido em seus amores, enraivecido e indignado com a deslealdade da mulher querida, escrevia no delirio da febre genial:

Mentistes quando amor tinheis nos labios
Mentistes á compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto,
Fostes bem falsa!...

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ella não sente,
E o rosto offrece a osculos vendidos
Ao sigillo da infamia

desobedecendo assim ao conselho do velho Joubert:

«O poeta, mesmo quando fala de objectos que elle quer tornar aos outros odiosos, deve manter o seu estylo calmo, moderados os seus termos, poupando o inimigo, conservando certa dignidade que vem da paz duma alma superior a todas as cousas...»

Casimiro nunca esqueceu-se do *Poeta ayrosa tenens* de Lucano.

Seus versos são meigos, e penetram no coração agradavelmente como doces confidencias de um verdadeiro sentir.

Não imitava; e, por isso mesmo, tornou-se conhecido, apreciado, e logrou elevar-se acima das vulgaridades de seu tempo.

Todos o comprehenderam, porque elle era modesto, singelo, e bom.

Conhece-se na melodia de seus cantos uma alma radiosa, librando-se em largos céos dos sagrados ideaes, no impetuoso voar de um pensamento avido de luz.

Era um poeta — na accepção genuina do vocabulo.

Não morresse elle tão moço e á patria legaria ainda outros primores.

Falar num poeta do coração, num idealista mavioso e terno; falar em Casimiro de Abreu na epocha em que o realismo estruge em alexandrinos damnados; em que o positivismo negativo assoberba todas as concepções; em que o dinheiro é uma religião e o sentimento uma tolice? — E' muita ousadia e é muito carrancismo.

Pois, falo, senhores. E falo por espirito de justiça, por amor á verdade e á tradicção, por ser brazileiro e, de resto, por acatar o nome de todos aquelles que têm honrado o meu paiz e que têm concorrido para provar que elle possue bastante força para subir sem a esmola estrangeira...

JORGE RODRIGUES.

Uma carta honrosa

FELIZMENTE sempre nos apparece de vez em quando entre as decepções e os desenganos desta penosa vida de jornalistas, um raio do sol da alegria, que nos alenta, uma animação, que nos conforta, uma esperança que nos fortalece. Ainda hontem tivemos um prazer enorme, que compensou perfeitamente uma boa duzia dos desgostos que temos soffrido.

Valentim Magalhães, escrevendo-nos a amavel carta, que em seguida publicamos, deu-nos mais uma prova de sua estima, que sobremaneira nos desvanece e nos enche de verdadeiro jubilo.

Inserimos n'*O Domingo* essa carta como prova do nosso reconhecimento, da profunda gratidão que nos inspiraram as expressões atenciosas e pelo honroso convite que o collega ahi nos dirige com larga generosidade.

Eil-a:

—

«Meus caros confrades srs. Jorge Rodrigues e José Braga.

7 — 1 — 86.

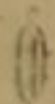
Comquanto tarde, venho agradecer-lhes as muitissimas amabilidades com que me distinguiram e ao meu companheiro Filinto d'Almeida no seu excellente *Domingo*. São finezas essas, que se não esquecem nunca. Muito e muito obrigados. Não terminarei sem cumprir um dever, e cumpro-o muito gostosamente: é offerecer-lhes, abertas de par em par, as columnas d'*A Semana*, ás suas brilhantes pennas.

Não podem imaginar quanto me alegra e satisfaz este congraçamento de rapazes que trabalham para o mesmo elevado e glorioso fim: constituir a litteratura brazileira.

Disponham do seu collega e creado obrigadissimo— *Valentim Magalhães*.»

Estas demonstrações de apreço é que honram verdadeiramente áquelles que as recebem, porque partem de um espirito esclarecido e competente, e não de pantafaçudos paranymphos litterarios.

Milagre de amor

> ... para amor com força crua,
> Que os corações humanos tanto obriga
> (CAMÕES)

O CASO era mesmo digno de admirar-se.

Conheciam-lhe todos o entranhado amor ao dinheiro, referiam-se sempre factos de sua sordida avareza, fiascos que elle preferira fazer a separar-se para sempre de qualquer das notas de sua carteira, e não se sabia como explicar a mudança que repentinamente se operara em todos seus habitos.

Elle que evitava outr'ora os *cafés*, com receio de que o fizessem pagar alguma cousa, frequentava-os agora assiduamente, convidando francamente os amigos a se assentarem a seu lado e auctorisando-os a se servirem do que lhes aprouvesse, sem manifestar no olhar a minima hesitação, a sombra sequer de um desejo de que recusassem elles acceitar seus amaveis offerecimentos.

Economico, a ponto de se conservar por muito tempo resistindo á tentação de um cigarro, porque lhe seria preciso offerecel-os ás pessoas que junto d'elle se achassem, tornara-se, de repente, subitamente, generoso, aproveitando-se com enthusiasmo de um pretexto qualquer para pôr á disposição de todos a sua enorme bolsa de cigarros, cuja qualidade gabava elle de um modo a que difficilmente se poderia resistir!

Os que o viam agora procedendo d'este modo, inteiramente opposto a seus antigos habitos, perdiam-se em conjecturas, esforçavam-se por saber a que attribuir-se aquella modificação, que alguns se limitavam a bemdizer, desejando que não se alterasse, e nada encontravam que lhes viesse explicar a estranha transformação!

— Eu só admitto uma causa para os effeitos de que nos occupamos, disse uma vez um rapaz, que se tornara inseparavel companheiro do Forreta (nome do nosso heroe) desde que este começara de desmentir a alcunha que lhe haviam dado em outros tempos.

— Qual é ella? perguntaram os outros em côro.

— O amor, respondeu elle, revestindo-se de um ar comicamente serio.

Riram-se todos; que aquilo era um absurdo, pois era lá possivel que um coração, que por tanto tempo vivera sob o dominio do calculo, fosse accessivel a essas cousas?

O facto parecia-lhes inverosimil, mas o novo systhema de vida do Forreta não lhes parecera tambem inverosimil, a principio, e não era verdadeiro?

Procuraram indagar, propuzeram-se a seguir todos os passos do *ex-vinagre* e em pouco tempo se acharam em face da mais estupenda das realidades.

A' janella de uma casa de modesta apparencia viram o nosso heroe em amoroso colloquio com uma graciosa morena; e isto foi bastante para convencel-os de que somente a Cupido, o travesso menino vendado, deviam elles as deliciosas libações que lhes eram proporcionadas quotidianamente.

E não se enganavam.

Um dia, apoz a leitura de um romance, d'esses em que se descrevem as mais commovedoras scenas de amor, o espirito do Forreta, abandonara por alguns instantes as aridas lucubrações, a que se entregava constantemente, e puzera-se a reflectir sobre a natureza d'aquelles sentimentos, que até então lhe tinham passado despercebidos, e sentio que seria capaz dos maiores sacrificios para agradar a uma mulher que soubesse captival-o.

Não lhe foi difficil encontral-a.

Observando com mais attenção os grupos de moças, que ia vendo d'ahi em diante, impressionaram-n'o vivamente os encantos da moreninha, com quem o viram conversando seus curiosos companheiros, e começou de seguil-a por toda a parte, com interesse, desejando ardentemente poder confessar-lhe a paixão que ella havia ateado em seu coração.

Decorreram muitos dias sem que lhe fosse dado realisar esse desejo.

Afinal, vio-a de perto, falou-lhe e... teve a suprema felicidade de saber que era amado de igual modo.

Assim modificando a sua habitual disposição de espirito, o amôr lhe inspirara novas idéias, e d'ahi a estranha transformação que se havia dado em seus habitos, transformação que a tanta gente parecera difficil de acreditar-se.

JOSÉ BRAGA

Supplica

> *Hoc erat in votis.*
> HOR.

Quando entrei tu sahiste,
Imagina o tormento
Dos esforços que eu fiz nesse momento
Por parecer alegre estando triste!

Longe estiveste, é certo,
Mas quando vaes p'ra longe eu na anciedade
De te ver, solto as azas á Saudade,
E a cem leguas de ti, de ti estou perto.
E se não fosse assim,
Se esta saudade não te approximasse,
Quem ha que a dura vida supportasse?
Quem me valera a mim?
Eu sem ti nada vejo nem diviso,
Sem ti é tudo escuro,
Sem ti nenhuma lagrimas o riso,
Doce e radiosa luz do meu futuro!

Eu a nem ao menos sei se tu me queres,
Não sei mesmo se o meu amor te offende.
Mas quem é que comprehende
Os anjos e as mulheres?

O meu amor é grande
Mas é humilde, não exige — pede.
Tudo fará que determines ou mande
A tua voz. Pois fala-lhe; concede!
O misero te implora —
E vê tu a que alturas se abalança! —
Elle te implora um só olhar de esp'rança
Desses que valem a mais bella aurora.

Cruel, a natureza!
Faz-nos amar ás vezes quem não pôde
Amar-nos, quem sua alma já tem presa;
E a noss'alma sacode
Nas iras loucas de um ciume infando
Que a san justiça da Rasão condemna.
Se o coração é doido! O miserando
Commette o crime e não lhe importa a pena.

Desconhece a Rasão;
Na lucta das paixões, o sentimento
Domina tudo e absorve o pensamento...
Mas é o melhor dos réos — o coração!

Um dia solta um grito
Supplicante, quer que esse olhar formoso
Lhe fale. E' crime? Não! Mais criminoso
Será quem faz da supplica um delicto.

Pois ahi tens a teus pés
Meu supplicante coração, senhora:
Manda-o erguer-se, ou manda-o ir-se embora...
Mas responde! responde, por quem és!

Se l'he deres um—Não!—vel-o-ás tristonho
Chorar talvez seu mal eternamente,
Vivendo d'este passageiro sonho,
De todo o bem descrente,
Descendo os sete circulos do inferno
E para eterna dôr tornado eterno!

Mas se disseres—Sim!—dil-o em segredo,
Volvendo um terno olhar de sympathia,
Com cuidado e baixinho: Eu tenho medo
Que o suffoque a alegria!
Tenho medo que a tua voz tão pura,
A syllaba cantando enorme e grata,
O mate pelo excesso de ventura;
Porque o excesso de vida tambem mata

Mas não fales; basta um olhar, ó santa!
O olhar parece mudo
Mas fala, ri, gorgeia, chora e canta...
O olhar exprime tudo!
Ahi tens, pois, a teus pés
Meu coração entregue sem defesa;
E muito embora a eterna dor lhe dês,
E' melhor do que a duvida a certeza:
Responde por quem és!

Setembro 28, de 1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

(D'*A Semana*)

Os Mortos Illustres

NESTE mundo ha só uma cousa peior do que ser morto, é o ser morto illustre.

Quando ás vezes vejo ir para o cemiterio, n'uma modesta traquitana cheia de symbolos amarellos e pagãos, um morto ignorado que desce tranquillamente á sua cova, não tendo a aggravar-lhe o latim dos padres, os discursos das sociedades patrioticas, e levando ainda a humedecer-lhe os labios para sempre mudos, as lagrimas ardentes que, como o orvalho da manhã marca sobre os pallidos lyrios a sua passagem rapida, marcam n'aquelle rosto, que vai começar a ser caveira, a passagem do ultimo beijo de ternura; penso sempre na felicidade d'aquella creatura que pôde morrer descançada no seu leito, rodeada de affectos sinceros e de amizades delicadas, e que, n'essa hora suprema em que o espirito, presentindo terminado o seu papel n'este mundo, desentranha todos os seus thesouros de ternura, de grandeza e de sinceridade, preferindo legal-os ao coração amante d'uma esposa ou ao respeito profundissimo d'uns filhos, em vez de encerral-os n'um estreito caixão de chumbo, póde dizer esses segredos intimos, sagradamente intimos, sem que entre os seus labios que se fecham, e os ouvidos attentos dos amigos que por muito tempo o escutam ainda depois d'elle fallar, esteja o ouvido perfeitamente mechanico do *reporter* e por detraz d'esse ouvido a multidão indifferente, aborrecida, enfastiada, á espera de noticias baratas que lhe distraiam a hora do almoço.

Esses são os felizes, desapparecem como essas pequeninas estrellas que enchem o céo aos milhares e que se apagam sem que ninguem dê pelo sua falta. Só n'elles fallam os poucos que viviam á sua debil luz. Sahem da vida como entraram n'ella, sem ninguem reparar n'elles, como uns comparsas de theatro. Occupam sete palmos debaixo da terra, occupam seis metros em cima, é a unica differença! Vivem e morrem na sombra, na vida tiveram triumphos, na morte têem lagrimas, não têem noticias.

Quando se retiram, deixam só atraz de si o luto, não deixam artigos de sensação.

Os outros, os illustres, são grandes planetas, astros cuja vida se passa sempre sob o olhar curioso do telescopio, cujo desapparecimento inspira graves observações e extensos artigos.

Esses não são cadaveres, são assumptos.

A sua vida tem sido uma constante noticia, a sua morte é um artigo de fundo.

N'essas mortes illustres quem menos figura é o morto: — os enterros celebres são as apotheoses dos vivos.

Os obscuros, os humildes, os desconhecidos descem á cova, sem noticias, sem discursos, sem rhetorica, só levam comsigo as saudades as lagrimas, a alegria d'aquelles que lhes queriam.

Os illustres, por uma lagrima que levam, deixam mil vaidades, que se ostentam, a sua morte é uma vacatura, o seu enterro um espectaculo, o seu elogio um reclamo, a sua cova um berço de ambições, que entrelaçando-se com as phrases oratorias, fórma sobre o seu esquife uma corôa, onde em vez da ternura escrever «saudade», o egoismo humano escreve «orgulho».

As vezes esses cadaveres hirtos, têem, nas mãos profanas das paixões ardentes, ondulações phantasticas de estandartes revolucionarios, e as descargas que fazem as honras funebres ao corpo inanimado de Lamarque, são a fusilaria das barricadas.

Outros são disputados ás bicadas pelos corvos sinistros dos partidos militantes, e, no meio d'essa lucta encarniçada á sombra lugubre dos verdes cyprestes, vem de vez em quando um salpico de lama que emerge de um charco immundo, o *Pays* ou o *Univers*, e, n'esse escarro ignobil, a humanidade enojada lê uns nomes fadados para o lodaçal, Cassagnac ou Veuillot.

Esses grandes homens que na vida foram um astro luminoso, que as multidões seguiam fascinadas, como os soldados do velho imperio seguiam as estrellas brilhantes que fulgiam nas esporas d'ouro de Napoleão, o Grande, passam então a ser simples lanternas com que os Diogenes-Paturot procuram não só um homem mas sim uma posição social.

Nem a morte é livre a esses he-

roicos luctadores. Alguns jornaes francezes accusaram a Thiers de se ter deixado morrer, quando a França mais precisava d'elle.

Quando agonisam, a casa enche-se-lhes, não de amigos, de informadores. — O que alli os leva não é o interesse da amizade, é a febre da noticia. Os grandes olhos da imprensa européa, seguem palpitantes as suas doenças para fazer boletins interessantes a tanto a linha. — A sua enfermidade não é para elles um cuidado, é uma nova secção. As suas palavras derradeiras, não as recolhem religiosamente a amizade, a veneração, recolhe-as o mercantilismo. — Todos querem ver o grande homem moribundo, não é para guardar na memoria os ultimas traços da agonia de um heroe que morre, é para dar á lithographia a estampa palpitante que se vende aos milhares.

Ao passo que a doença vai continuando o seu implacavel caminho, os agentes das pompas funebres pregam as taboas do caixão de carvalho, os cangalheiros litterarios soldam as phrases sonoras da sua necrologia.

Quando elle morre, os coveiros pegam na enxada, os *reporters* largam a penna com que já lhe tem aberto essa grande cova fatal, nos seus noticiarios — o elogio funebre.

O rosto do morto é analysado com toda a observação profunda d'um anatomista, para figurar nos *faits divers*.

Os esculptores vêm encher-lhe a cara de gesso, antes que o coveiro a encha de cal. Ambos exercem a sua profissão, este evita as exhalações mephiticas, aquelle arranja os bustos caros.

Depois vem o enterro. E' um acto de luxo, uma occasião de festa. Todos querem prestar uma homenagem ao grande homem, contanto que os nomes venham nos jornaes e que a conducção seja barata e commoda.

Se os padres desafinam no *Libera me*, se os irmãos do Santissimo não levam macassar no cabello e luvas pretas nas mãos, se o velludo do pano funebre é de algodão em vez de ser de sêda, ha protestos energicos, artigos furibundos, indignações solemnes, pomposos reclamos pessoaes.

E' necessario que tudo seja luxuoso, senão para que os incommodaram por tal bagatella? Que importa que o morto valha muito se o enterro vale pouco? Acima da biographia do finado ha uma cousa, — a conta do armador. Aquillo não é uma homenagem ao fallecido, é uma festa para os vivos.

Venha a festa, o luxo, a elegancia, o confortavel, que elles lá vão levar-lhe o seu respeito e os seus adjectivos.

A viuva chora. Quantas lagrimas? Que é para se pôrem nos jornaes. Está de luto? quanto custou o vestido? venha a conta da modista. E tudo vai assim; o morto desapparece ante os vivos, as perpetuas da corôa para aquelle, devem transformar-se em louros para estes; o elogio funebre não é para cantar as virtudes do morto, que dorme, é para mostrar de quantas imagens brilhantes dispõe a eloquencia do que falla.

Em quanto o bicho das covas rôe o cadaver, a noticia dos jornaes digere até á ultima linha tudo o que ha a respeito do morto. Aquelles tem as suas compridas azas transparentes, estes as suas pennas bem afiadas. E' um duello a quem mais depressa ha-de acabar com o morto. E ainda aquelles não principiaram o seu lugubre trabalho, já estes em phrases altisonantes e em lagrimas de actor passeiam a sua rhetorica devoradora sobre o cadaver ainda quente.

Não ha nada mais desconsolador que uma morte illustre.

E' o reverso negro da resplandecente medalha da celebridade, e ainda mal o homem celebre não tem exhalado o ultimo suspiro, apenas essa funebre criada a que os antigos chamavam Parca lhe despe o dominó com que andaram intrigando uns aos outros n'esse grande baile de mascaras que se chama o mundo, e os deita, como a mãi aconchega os filhos, nesse immenso leito — a natureza, ha uma cousa peor ainda que a terra que deitam em cima do cadaver, que a cal que lhe come os olhos, que os vermes grotescos que engordam na sua podridão, é essa cousa monstruosa, fatal, implacavel, que os ameaça na vida, que os despedaça na morte — O NECROLOGIO.

GERVASIO LOBATO

A occasião faz o ladrão

TODOS os actos do homem dependem do bom ou mau estado das circumstancias em que elle se acha. Cercado das mil commodidades que proporciona o dinheiro, vendo realisados, immediatamente depois de formados, os seus menores desejos, o espirito do individuo, a que a fortuna acaricia desde o berço, evitará facilmente deixar-se vencer por uma acção criminosa, porque, para elle, não existe um dos mais poderosos motores do crime — a miseria.

Si em vez, porém, do bem estar material, a que raras vezes deixa de alliar-se a serena paz do espirito, for elle constantemente perseguido pelo implacavel cortejo de desgraças, de que participa desigualmente a maioria dos homens, sendo-lhe negada a satisfação de seus mais insignificantes desejos e faltando-lhe a todos os momentos o que aos outros, aos felizes, é concedido sempre, difficilmente resistirá ás suggestões do crime, porque este se apresenta a seus olhos, não como um acto que a sociedade condemna, mas como um meio de evitar os dolorosos supplicios que o torturam.

Um operario, a que faltem os elementos de uma san educação, cujo penoso trabalho é remunerado de modo a impossibilital-o de pôr ao abrigo da fome e das intemperies do tempo os entes, aos quaes o ligou o destino, reflectirá friamente sobre o dia de amanhã que nem uma esperança lhe promette ser menos sombrio que os precedentes?

Repellindo, a principio, energicamente as idéas negras que estas considerações lhe despertam no espirito, mas deixando-se pouco a pouco dominar por ellas, a ponto de as acceitar mais tarde como inteiramente innocentes, acabará elle por tornar-se assassino ou ladrão, ou tudo isto ao mesmo tempo, sinão vier em seu soccorro uma circumstancia qualquer que o salve do abysmo de que elle se aproxima inconscientemente.

Imagine-se que essa circumstancia deixe de apparecer e que o infeliz se ache em presença de um objecto de cuja posse espere elle advir-lhe a felicidade.

Terá a necessaria energia para se não apoderar d'elle, impellindo-o a isto a supposição de que seu crime ficará ignorado e o pensamento de que se converterão em dias tranquillos e felizes sua existencia e a dos seus?

Sendo incapaz de assaltar um transeunte ou escalar uma casa, sel-o-á tambem de conservar-se insensivel ao que parece propositalmente posto á sua vista, seduzindo-o irresistivelmente?

Succumbirá de certo, porque a *occasião* o subjuga fortemente.

Da relação de factos dessa ordem com outros mais ou menos importantes, porém produzidos todos pela irresistivel força das circumstancias, é que se originou, sem duvida, a sabia sentença popular, que escolhemos para epigraphe d'este nosso artigo.

B.

Fallecimento

Falleceu em Portugal, onde fora buscar allivio aos seus males, o sr. Eduardo Carneiro, irmão do nosso caro amigo e estimavel collega Manoel Carneiro, do *Diario de Noticias*, a quem significamos as expressões do nosso pezar.

Lambrequins

Do *Piperlin*;

— Os guinchos das mulheres parecem-se todos uns com os outros.

— Todos. Pegue você em dous guinchos de mulher, colloque um ao pé do outro, e verá.

—

— Esteve doente, *seu* Arthur?

— E' verdade; como soube, minha senhora?

— Pelos obitos..

—

Contam que Rita Cereja
De virtude duvidosa
Conduzio a certa igreja
Para dar-lhe a mão de esposa
Um Ladislau — salvo seja

Vejam só que desalinho;
A noiva cheirava a sandalo,
E o noivo cheirava... a vinho;
Vendo o vigario este escandalo
Chamou de parte o padrinho.

« Case-nos, não seja máu! »
Diz a noiva d'improviso.
« Attenda a que o Ladislau
Quando está no seu juiso
Não quer casar nem a páu. »

Sobre a meza

A Semana. Anno II. Vol. II. N. 53.

Primeiro numero do segundo anno; apresenta-se ainda mais bella, mais attrahente, mais promissora.

Valentim Magalhães na *Historia dos sete dias* vem magnifico de espirituosas observações e de judiciosos conceitos.

Seguem-se artigos apreciaveis e muitas poesias bem acabadas.

O Discipulo — Orgam do *Club Galvão Bueno*, de S. Paulo. Redactor-chefe, J. A. Adail de Oliveira, tendo como redactores parciaes outros intelligentes estudantes.

E' escripto por pennas novéis, porem que denunciam aproveitaveis talentos de moços estudiosos.

Agradecemos a visita, que retribuiremos.

Vassourense — N. 1. do quinto anno. Está quasi a formar-se, o distincto collega. Seu tiracinio tem sido brilhante e nós lhe auguramos muitos 'auteis num porvir de prosperidades.

Outro tanto não nos acontecerá, talvez. Nem por isso arrefece o nosso desejo de vêr felizes os bons companheiros, como o *Vassourense*.

O Povo — n. 9. Orgam consagrado aos interesses da lavoura, commercio e instrucção publica. Redactor e director Estevam José d'Oliveira. Publica-se em Campo-Limpo, nesta provincia.

E' bem impresso e traz artigos variados e bem escriptos.

Revista Illustrada — n. 421.

Em cada pagina um primor do lapis magico de A. Agostini.

O texto interessante.

Gazeta da Sapucahy, n. 44. Sempre interessante, conceituosa e amavel.

Escreve a nosso respeito o seguinte, que transcrevemos muitissimo penhorados:

« *O Domingo.* — Depois de não pequena, e sensivel interrupção, recebemos os ns. 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 do *Domingo*, interessante semanario, que se publica na florescente cidade de S. João d'El-Rei.

Revista semanal, em todos os sentidos curiosa, o *Domingo* é em seu genero a primeira que apparece na provincia de Minas-Geraes.

Redigida por Jorge Rodrigues, o festejado auctor das *Fugitivas*, um talento incansavel e fecundo, e José Braga, o já notavel publicista e elegante prosador, o *Domingo* recommenda-se pela variedade de seus artigos escolhidos.

Agradecendo a agradavel visita do apreciavel collega, lhe desejamos muitas prosperidades e carreira brilhante. »

Theatro

EM beneficio do eximio e sympathico artista Augusto Maia será hoje levado à scena *(si tempora non fuerint nubila)* um espectaculo cujo programma é organisado especialmente para attrahir a concurrencia dos S. Joannenses ao nosso, por tanto tempo esquecido, Scala.

Compõe-se elle do drama em 2 actos—*O anjo do lar*—em que encontra a joven Ninica uma de suas brilhantes creações, da irresistivel comedia—*Delicias do casamento*—e da espirituosa zarzuella, que tanto agradou aos que ha poucos dias tiveram a felicidade de ouvil-a — *O homem é fraco*.

E' de esperar-se que os nossos conterraneos....

Nada; evitemos por hoje esta *chapa*, que bem poucos resultados tem conseguido e que deve ser abandonada por inutil.

Morte ao tempo

(A MINHAS CONSTANTES LEITORAS)

Ha muita gente que abre *O Domingo* somente por causa da *Morte*, embora os redactores das outras secções d'esta folha queiram monopolisar a attenção dos seus leitores.

Isto já eu suppunha ha muito tempo, e o que vim a saber depois de ter sahido o ultimo numero d'este delicioso jornal, de que tenho a dita de ser collaborador, confirma inteiramente as minhas desvanecedoras suspeitas.

E' o caso que diversas leitoras, ao verem que este seu criado as privára de sua brilhante e variada prosa, deixaram de parte este hebdomadario, queixando-se de que *O Domingo* do Jorge e do Braga não tivesse vindo d'esta vez tornar menos insipido o Domingo do Senhor!

Haverá por ahi quem possa gabar-se de ter alcançado egual triumpho?

Ver lastimada a nossa ausencia, quando o é frequentemente a constante presença de outros, que por ahi andam a tentar posteridade, nos enche de um enthusiasmo animador e bom que muito hade concorrer para que augmente de um modo consideravel o numero de leitores (assignantes, já se vê) d'*O Domingo*.

Obrigadissimo, amaveis leitoras; e como o melhor meio de agradecer-vos o alto apreço em que tendes os meus escriptos é escrever exclusivamente para vós, ahi vão estas *morticas*, para vós somente feitas e que por vós somente estimarei ver decifradas:

—

LOGOGRIPHO

Animal 7, 9, 10
Animal 5, 6, 4, 10
Animal 1, 6, 5, 2, 3
Bichinho 4, 5, 9, 8, 6
Alegre sempre,
Sempre a sorrir,
Eu levo a vida
A rir... a rir.

—

CHARADAS

TELEGRAPHICAS

Vareta é embarcação.
Camara é templo.
Cota é fructo.

—

EM QUADRO

Medida
Homem
No navio
Animal.

—

EM ZIG-ZAG

O alimento
aperta
o pavimento.

—

NOVISSIMAS

O prefixo na familia é vegetal 1, 2
A lettra do artigo tem pena do animal 1, 1, 1
Não é boa do corpo a fructa 1,1

—

Escusado será dizer que a decifradora receberá um premio chic e qual será elle, porque temos premios para todos os decifradores de ambos os sexos e cada qual melhor.

Trabalhai, pois, amabilissimas leitoras, que encontrareis prompto a attender-vos o vosso sempre grato

TONG-KONG-SING

Correspondencia

SR. C. N.—Seu conto está simplesmente impagavel. Não podemos deixar de roubar-lhe, para regalo de nossos leitores, este pedacinho de ouro:

« Alberto ficára triste; respondia *somente* por *monosyllabos* ao que lhe dizia o amigo.—Alberto, estás triste? o que tens?—*Nada*.—Terás acaso na alma a serpe do amor?(!!!) —*Oh! não m'o perguntes!* »

Olha, senhor C. N., tome cuidado com estes monosyllabos que elles são tão *atrevidos* que ainda lhe pregam *alguma*.

SR. CARLOS SILVA (Juiz de Fora). —O assumpto de seu soneto—Estoico—é bonito, porém a execução o poz a perder. « *Amo-te muito e sei que fora loucura* » e « *Querer teu amor, pois tal ventura* » são dous versos incorrectos. Estude e trabalhe que estas incorrecções hão de desapparecer algum dia.

SR. UM LEITOR CONSTANTE.—Já não sabemos mais o que devemos fazer para que o *sr. Correio* tome juizo! O melhor é não dizermos mais nada, porque o *monstro* é capaz de querer vingar-se de nós, privando a todos nossos assignantes da agradabilissima leitura d'*O Domingo*.

Quanto a suas charadas, aliás bem feitas, serão publicadas em nossa folha mas... (oh! pois não; ha um *mas*) é preciso que o sr. attenda a este pedacinho que em outros tempos escreveu o *Sing*, o redactor da *Morte*:

« *Os trabalhos remettidos a esta secção só serão publicados, quando trouxerem o respectivo premio. Assim, sim.* »

Assim, não, lhe dizemos nós.

EXTERNATO S. EMILIA

Director- Jorge Rodrigues

MATERIAS DE ENSINO

Curso primario e secundario comprehendendo os preparatorios necessarios a matricula nas academias do imperio

MENSALIDADES

Curso primario. . . . . 5$000 Curso secundario. . . 10$000

Os pagamentos serão feitos a mez vencido, ou adiantadamente, consoante prévia convenção.

No fim de cada mez distribuir-se-á aos respectivos interessados um boletim, registrando a frequencia, comportamento e applicação dos alumnos.

Auxiliado por distinctos professores já bastante conceituados nesta cidade, o director espera tornar o seu modestissimo estabelecimento digno da confiança publica.

As aulas começaram a funccionar no dia 4 do corrente, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

7--PRAÇAS DAS MERCÊS--7

«O Domingo»

Compram-se os numeros 2, 3, 4 e 5 deste jornal.

Almanach Popular

DE

A. Moreira de Vasconcellos

Para 1886

Com os retratos e elogios de Ferreira de Menezes, Lopes Trovão e Ladislau Netto; ephemerides nacionaes, poesias artigos de litteratura, etc.

Vende-se nesta typographia.

Preço.............. 500 rs.

FUGITIVAS

VERSOS DE

Jorge Rodrigues

Vende-se nesta typographia a 2$ o volume

PHARMACIA

CAMPOS DA CUNHA

9-Rua Direita-9

S. JOÃO D'EL-REI

BILHETES DE LOTERIA

Em casa de João Baptista Caracciro encontram-se sempre á venda, bilhetes de todas as LOTERIAS do Imperio.